

**PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO DE URUÇUÍ-PIAUI
SOBRE ARBOVIROSES TRANSMITIDAS PELO *Aedes
aegypti* E O USO DE MÍDIAS SOCIAIS COMO AÇÃO
DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE**

**PERCEPCIÓN DE LA POBLACIÓN DE URUÇUÍ-
PIAUI SOBRE LAS ARBOVIROSIS TRANSMITIDAS
POR *Aedes aegypti* Y EL USO DE LAS REDES
SOCIALES COMO ACCIÓN DE EDUCACIÓN EM
SALUD**

**PERCEPTION OF THE POPULATION OF URUÇUÍ-
PIAUI ABOUT ARBOVIROSISES TRASMITTED BY
Aedes aegypti AND THE USE OF SOCIAL MEDIA AS A
HEALTH EDUCATION ACTION**

DOI: <https://doi.org/10.31692/2764-3433.v4i1.273>

¹ LAURA CRISTINA FERREIRA DOS SANTOS

Doutor em Ecologia, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí,
lauracristinafsantos@gmail.com

² MATHEUS LOPES SOUZA

Graduanda em Ciências Biológicas, Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Piauí, matheus.souza@ifpi.edu.br



RESUMO

As arboviroses são doenças virais transmitidas ao ser humano por insetos, sendo a dengue e a chikungunya as mais destacadas. O mosquito *Aedes aegypti* é o principal vetor dessas doenças, representando uma grande preocupação para a saúde pública em todo o mundo. Nesse sentido, é necessário repensar as ações de educação da população em relação ao controle do *A. aegypti* para prevenir a propagação dessas doenças, e as redes sociais desempenham um papel fundamental na disseminação de informações relevantes nesse contexto. Dessa forma, este trabalho teve como objetivo analisar a percepção dos moradores do município de Uruçuí-PI sobre dengue e chikungunya, além de divulgar informações relativas a essas arboviroses utilizando mídias sociais. A pesquisa foi realizada no município de Uruçuí, localizado no estado do Piauí, onde foi aplicado um questionário on-line com a população sobre o mosquito *Aedes aegypti* e os conhecimentos relacionados à dengue e chikungunya. Além disso, também foi produzida uma cartilha com informações sobre essas arboviroses, que foi divulgada em uma rede social. De acordo com os resultados, a maioria dos participantes reconhece o vetor da dengue e chikungunya, assim como as formas de proliferação, sintomas e cuidados preventivos. Houve também uma interação significativa com a população por meio da divulgação da cartilha através de um aplicativo de mídia social. Com isso, conclui-se que os participantes apresentam um conhecimento geral sobre as infecções de dengue e chikungunya, incluindo o agente vetorial. Além disso, percebe-se a importância de ações em saúde que contribuam para a manutenção dessas percepções, principalmente através de mídias sociais.

Palavras-chave: arboviroses; chikungunya; dengue; educação em saúde; mídias sociais.

ABSTRACT

Arboviruses are viral diseases transmitted to humans by insects, with dengue and chikungunya being the most prominent. The *Aedes aegypti* mosquito is the main vector of these diseases, representing a major public health concern worldwide. In this sense, it is necessary to rethink the actions of educating the population regarding the control of *A. Aegypti* to prevent the spread of these diseases, and social networks play a fundamental role in the dissemination of relevant information in this context. Thus, this work aimed to analyze the perception of residents of the municipality of Uruçuí-PI about dengue and chikungunya, in addition to disseminating information regarding these arboviruses using social media. The research was carried out in the municipality of Uruçuí, located in the state of Piauí, where an online questionnaire was applied to the population about the *Aedes aegypti* mosquito and knowledge related to dengue and chikungunya. In addition, a booklet was also produced with information about these arboviruses, which was disseminated on a social network. According to the results, most participants recognize the vector of dengue and chikungunya, as well as the forms of proliferation, symptoms and preventive care. There was also a significant interaction with the population through the dissemination of the booklet through a social media application. With this, it is concluded that the participants have a general knowledge about dengue and chikungunya infections, including the vector agent. In addition, the importance of health actions that contribute to the maintenance of these perceptions is perceived, mainly through social media.

Keywords: arboviruses; chikungunya; dengue; health education; social media.

RESUMEN

Los arbovirus son enfermedades virales transmitidas a los humanos por insectos, siendo el dengue y el chikungunya las más destacadas. El mosquito *Aedes aegypti* es el principal vector de estas enfermedades, lo que representa un importante problema de salud pública en todo el mundo. En este sentido, es necesario repensar las acciones de educación poblacional en relación al control de *A. aegypti* para prevenir la propagación de estas enfermedades, y las redes sociales juegan un papel fundamental en la difusión de información relevante en este contexto. Por lo tanto, este trabajo tuvo como objetivo analizar la percepción de los habitantes del municipio de Uruçuí-PI sobre el dengue y chikungunya, además de difundir información sobre estos arbovirus a través de las redes sociales. La investigación se llevó a cabo en el municipio de Uruçuí, ubicado en el estado de Piauí, donde se administró a la población un cuestionario en línea sobre el mosquito *Aedes aegypti* y conocimientos relacionados con el dengue y el chikungunya. Además, también se elaboró un folleto con información sobre estos arbovirus, el cual fue publicado en una red social. Según los resultados, la mayoría de los participantes reconocen el vector del dengue y chikungunya, así como las formas de proliferación, síntomas y cuidados preventivos. También hubo una importante interacción con la población a través de la difusión del folleto a través de una aplicación de redes sociales. Con esto se concluye que los participantes tienen conocimientos generales sobre las infecciones por dengue y chikungunya, incluido el agente vector. Además, es clara la importancia de acciones de salud que contribuyan a mantener estas percepciones, principalmente a través de las redes sociales.

Palabras-clave: arbovirus; chikunguña; dengue; educación para la salud; redes sociales.

INTRODUÇÃO

Os culicídeos, pertencentes à ordem Díptera, subordem Nematocera e família Culicidae, estão agrupados nas subfamílias Toxorhynchitinae, Anophelinae e Culicinae (Almeida, 2011). Popularmente conhecidos como mosquitos, pernilongos e muriçocas, os culicídeos possuem uma notável capacidade de adaptação, o que lhes permite habitar diversos ambientes ao redor do mundo (Silva *et al.*, 2004), sendo encontrados tanto em áreas silvestres como em áreas urbanas (Cruz; Vasconcelos, 2008). Nas espécies de culicídeos, principalmente nas fêmeas, é necessário um repasto sanguíneo para a obtenção das proteínas e aminoácidos necessários à produção e maturação dos ovos (Silva, 2009). No entanto, esse hábito representa um grave problema de saúde pública, uma vez que esses insetos possuem a capacidade de transmitir diversas doenças. A transmissão dessas doenças ocorre por meio da picada das fêmeas infectadas, que podem transferir microrganismos patogênicos para pessoas saudáveis dentro de uma determinada população. Essas doenças têm um impacto significativo na saúde da população, levando a altas taxas de morbidade e, em alguns casos, à mortalidade. Portanto, o controle efetivo dos culicídeos é essencial para mitigar essas doenças e proteger a saúde pública.

Entre as doenças transmitidas pelos culicídeos, as arboviroses se destacam como aquelas que causam maior impacto na população humana (Ferreira, 2014). Arboviroses são doenças virais transmitidas ao ser humano por insetos. Esses arbovírus, como YFV, DENV, CHIKV e ZIKV, representam uma grande preocupação para a saúde pública em todo o mundo. As manifestações clínicas das infecções por arbovírus podem variar desde doenças febris leves até síndromes febris hemorrágicas, articulares e neurológicas. Em geral, os casos graves são identificados após a circulação viral em extensas epidemias, com impactos imprevisíveis na morbidade e mortalidade (Donalísio; Freitas; Zuben, 2017).

O mosquito *Aedes aegypti* tem sido identificado como o principal vetor dessas doenças, incluindo febre amarela, dengue, chikungunya, zika e outras (Johansen, 2014; Segata, 2016). No Brasil, a presença dos arbovírus e a preocupação com seus impactos na saúde pública têm uma longa história. Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (2008), o mosquito *Aedes aegypti* chegou ao país durante o período colonial por meio de navios que aportavam em solo brasileiro, sendo a febre amarela a primeira doença transmitida por esse vetor. Desde então, diversas epidemias desses e de outros arbovírus têm ocorrido no país. Nos últimos anos, houve um aumento significativo na incidência de doenças causadas por arbovírus em nível global, o que está relacionado a fatores como a rápida e extensa dispersão dos vírus devido ao crescimento acelerado dos sistemas de transporte, a adaptação dos vetores à urbanização em expansão, a falhas no controle das populações de mosquitos e a alterações ambientais (GOULD *et al.*, 2017).

No Brasil, o combate às arboviroses conta com o Programa Nacional de Controle da Dengue (PNCD), que tem como foco principal o controle do mosquito *Aedes aegypti* por parte da população e dos profissionais de saúde, com apoio governamental. Além disso, o Programa Nacional de Apoio ao Combate às Doenças Transmitidas pelo *Aedes* (Pronaedes) foi estabelecido para financiar projetos voltados ao combate à proliferação das doenças transmitidas por esse vetor. No entanto, diante do elevado número de casos de arboviroses registrados nos últimos anos no Brasil, é possível concluir que o programa não tem sido efetivo em reduzir as populações de vetores a níveis que permitam interromper a transmissão das doenças (Araújo *et al.*, 2015; Andrade *et al.*, 2016). Dessa maneira, as ações voltadas para controle do *Aedes* devem ser repensadas, uma vez que a educação da população em geral sobre o controle do mosquito da dengue é crucial para prevenir a propagação da doença.

Nesse sentido, as redes sociais desempenham um papel fundamental na disseminação de informações relevantes (Souza; Macedo, 2020). Por meio de conteúdos educativos, cartilhas, campanhas interativas, vídeos informativos é possível engajar um amplo público e incentivar a participação ativa na identificação e eliminação de possíveis criadouros do mosquito transmissor. No entanto, é importante que as informações compartilhadas sejam confiáveis, baseadas em evidências científicas, e que profissionais de saúde e educadores estejam envolvidos na produção desse conteúdo (Oliveira-Costa; Costa; Mendonça, 2022). Ao combinar a educação por meio das redes sociais com estratégias eficazes de controle do mosquito, podemos construir uma sociedade mais consciente e engajada na prevenção da dengue e chikungunya.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo analisar a percepção de moradores do município de Uruçuí-PI sobre dengue e chikungunya, além de divulgar informações relativas a essas arboviroses utilizando mídia social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As infestações de dengue acompanham a movimentação humana ao redor do mundo, sendo particularmente prevalentes em países neotropicais (Donalísio e Glasser, 2002). Em 2023, as Américas registraram um aumento acentuado nos casos de dengue. Mais de 3 milhões de novas infecções foram registradas até o momento, superando os números de 2019 - o ano com a maior incidência registrada da doença na região, com 3,1 milhões de casos, incluindo 28.203 casos graves e 1.823 mortes. A maioria dos casos - mais de 2,6 milhões - foi registrada no cone sul, sendo o Brasil responsável por 80% (OMS, 2023). Dada a crescente incidência de casos dessa doença nos últimos anos no Brasil, é crucial intensificar os programas de combate

ao vetor da dengue e realizar campanhas educativas para conscientizar a população sobre o controle do mosquito.

No contexto educacional e na conscientização da população, as mídias sociais desempenham um papel crucial na transmissão do conhecimento e, conseqüentemente, na redução dos casos de dengue. A partir da década de 1990, houve um crescimento significativo no desenvolvimento e popularização das tecnologias digitais. Com o aumento do acesso a computadores pessoais conectados à internet, tecnologias móveis e ambientes virtuais, como redes sociais digitais e uma variedade de aplicativos gratuitos, ocorreram impactos profundos nas estruturas da comunicação global (Couto, 2018). Essas plataformas oferecem oportunidades para disseminar informações sobre prevenção, sintomas e tratamento da dengue, alcançando um amplo público e contribuindo para a conscientização e adoção de práticas saudáveis pela população.

Apesar do enorme potencial das mídias sociais para disseminar informações sobre à saúde e outros temas relevantes para sociedade, existem poucas iniciativas locais voltadas para avaliar o conhecimento da população sobre o tema e desenvolver estratégias educacionais nessa área. Diante dessa carência cada vez mais evidente, é de suma importância intensificar os esforços na divulgação científica, que envolve a apresentação dos processos, princípios e metodologias da ciência (Reis, 2002). É crucial que os cientistas, ao buscar a divulgação e popularização da ciência, concentrem-se cada vez mais nas mídias digitais para alcançar um público mais amplo, aproveitando as plataformas populares e com maior audiência (Bueno, 2010). Esse movimento é fundamental para promover uma compreensão mais ampla e precisa da ciência, contribuindo significativamente para a conscientização pública e, por conseguinte, para enfrentar os desafios relacionados à dengue e outras questões de saúde.

METODOLOGIA

LOCAL DO ESTUDO E PÚBLICO-ALVO

O presente estudo foi realizado com uma amostra da população do município de Uruçuí, situado na região sul do estado do Piauí. A cidade possui área territorial de 8.413,016 km² (IBGE, 2022), população estimada de 21.746 pessoas (IBGE, 2021), densidade demográfica de 2,40 hab/km² (IBGE, 2010) e PIB per capita de R\$ 88.333,18 (IBGE, 2020).

COLETA DE DADOS

Aplicou-se um questionário on-line (Quadro 1) por meio da plataforma digital *Google Formulários*, com a finalidade de verificar as percepções da população sobre o mosquito *Aedes*

aegypti e os conhecimentos relacionados a dengue e chikungunya, sendo dividido em duas seções. O questionário foi elaborado com base no estudo de Pinheiro e Rocha (2018). A primeira seção apresenta 04 perguntas de variáveis demográficas (gênero, faixa etária, escolaridade e bairros em que os participantes residem), enquanto a segunda, é composta por 12 perguntas voltadas para as percepções dos participantes sobre as arboviroses citadas, sendo 7 questões objetivas e 5 discursivas. Anteriormente a aplicação do questionário, todos os participantes preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tendo conhecimento do objetivo, procedimentos, benefícios, riscos e garantia do sigilo da identificação pessoal.

Quadro 01: Questionário aplicado aos moradores do município de Uruçuí – PI sobre dengue e chikungunya.

01. Qual seu gênero? () Feminino () Masculino () Outro () Prefiro não dizer	02. Qual sua faixa etária? () 18 anos completos () Entre 19 e 25 anos () Entre 26 e 35 anos () Entre 36 e 45 anos () Entre 46 e 55 anos () Entre 56 e 65 anos () 65 anos ou mais
03. Qual sua escolaridade? () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo () Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo () Pós-Graduação Incompleta () Pós- Graduação Completa	04. Em qual bairro você mora?
05. Você sabe o que é dengue e chikungunya? () Sim, conheço as duas doenças. () Conheço apenas a dengue. () Conheço apenas a chikungunya. () Não conheço nenhuma das doenças.	06. Você já foi diagnosticado com dengue? () Sim () Não
07. Caso já tenha sido diagnosticado com dengue, qual o período do ano você recebeu o diagnóstico da doença? () Entre janeiro e março. () Entre abril e junho. () Entre julho e setembro. () Entre outubro e dezembro.	08. Você já foi diagnosticado com chikungunya? () Sim () Não
09. Caso já tenha sido diagnosticado com chikungunya, qual o período do ano você recebeu o diagnóstico da doença? () Entre janeiro e março. () Entre abril e junho. () Entre julho e setembro. () Entre outubro e dezembro.	10. Você sabe como a dengue e chikungunya são transmitidas para as pessoas? () Sim, sei como ocorre a transmissão. () Não sei como ocorre a transmissão. () Tenho conhecimento apenas da transmissão da dengue. () Tenho conhecimento apenas da transmissão da Chikungunya
11. Você sabe quais sintomas podem ser causados pela dengue? Se sim, cite exemplos.	12. Você sabe quais sintomas podem ser causados pela chikungunya? Se sim, cite exemplos.

13. Você sabe como prevenir a dengue e a chikungunya? Se sim, cite exemplos de formas preventivas para essas doenças.	14. Você já ouviu falar sobre o mosquito (<i>Aedes aegypti</i>) que transmite o vírus da dengue e chikungunya? () Sim () Não
15. Você sabe quais locais o mosquito usa para se desenvolver? Se sim, cite exemplos.	16. Você costuma verificar se no quintal da sua possui água parada? Se sim, com que frequência?

Fonte: Adaptado com base no estudo de Pinheiro e Rocha (2018).

AÇÕES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Na segunda etapa da pesquisa, realizou-se a produção de uma cartilha (Figura 1), através da plataforma digital *Canva*, com informações referentes as arboviroses dengue e chikungunya. Logo após, fez-se a divulgação da cartilha em rede social, por meio do aplicativo *Instagram*, utilizando postagens no *feed* e nos *stories* da página do Grupo de Estudos em Biodiversidade (GEB), gerando interação com o público para compreender a percepção dos usuários do município.

Figura 01: Cartilha informativa sobre dengue e chikungunya produzida para divulgação no perfil do GEB.



Fonte: Própria (2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

PERCEPÇÃO DOS MORADORES DE URUCUI-PI SOBRE DENGUE E CHIKUNGUNYA

Participaram da pesquisa 60 moradores da zona urbana de Uruçuí, de 11 bairros distintos (Tabela 1), sendo 65% do gênero feminino e 35% do gênero masculino. A faixa etária variou entre 18 e 55 anos, e nível de escolaridade variando de Ensino Fundamental Completo a Pós-Graduação Completa.

Tabela 01: Distribuição dos participantes da pesquisa por bairros, em Uruçuí-PI.

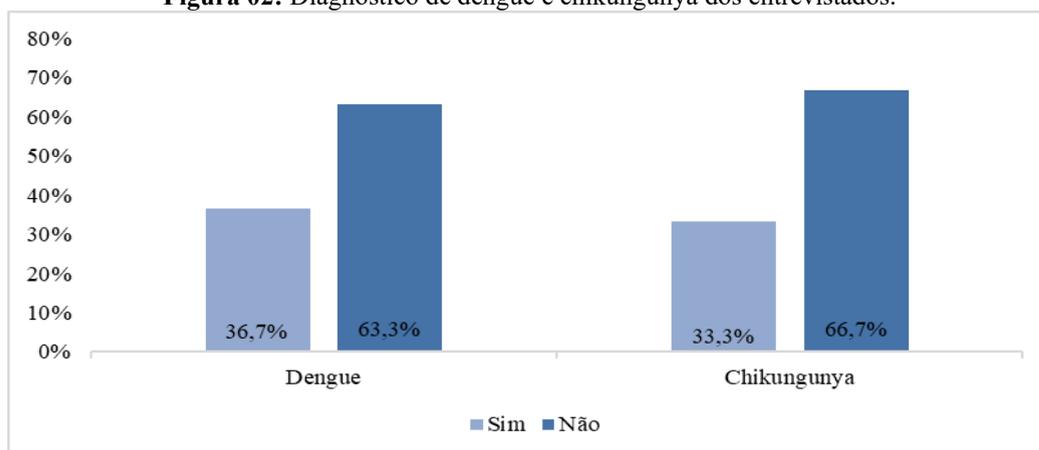
Bairros	Pessoas	Percentual
Aeroporto	16	27%
Água Branca	7	12%
Alto Bonito	3	5%
Areia	6	10%
Bela vista	1	2%
Centro	13	22%
Esperança	1	2%
Malvinas	3	5%
Novo Horizonte	3	5%
São Francisco	5	7%
Vaquejada	2	3%
Total	60	100%

Fonte: Própria (2023).

Em relação ao conhecimento sobre dengue e chikungunya, a maioria dos entrevistados afirmou conhecer as duas doenças (96,7% dos participantes) e 3,3% responderam que conhecem apenas a dengue. Do total de participantes, 63,3% disseram nunca ter sido diagnosticados com dengue e 36,6% confirmaram já ter recebido o diagnóstico da doença. Quando perguntados sobre o diagnóstico de chikungunya, 66,7% informaram não ter sido acometido pela doença, enquanto 33,3% declararam que receberam o diagnóstico. Desse modo, percebe-se que a proporção se manteve entre as respostas relacionadas ao diagnóstico negativo de ambas as doenças (Figura 2). Segundo dados do Ministério da Saúde (2023), o cenário epidemiológico da dengue e chikungunya entre os meses de janeiro e abril, apresenta incidência de 50,1 a 100 casos/100 mil habitantes no estado do Piauí, sendo uma das menores taxas de ocorrência, enquanto os estados do Acre, Rondônia, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas

Gerais e Espírito Santo possuem as taxas mais altas, >500 casos/100 mil habitantes para a infecção da dengue e Tocantins e Minas Gerais com >200 casos/100 mil habitantes referentes a chikungunya.

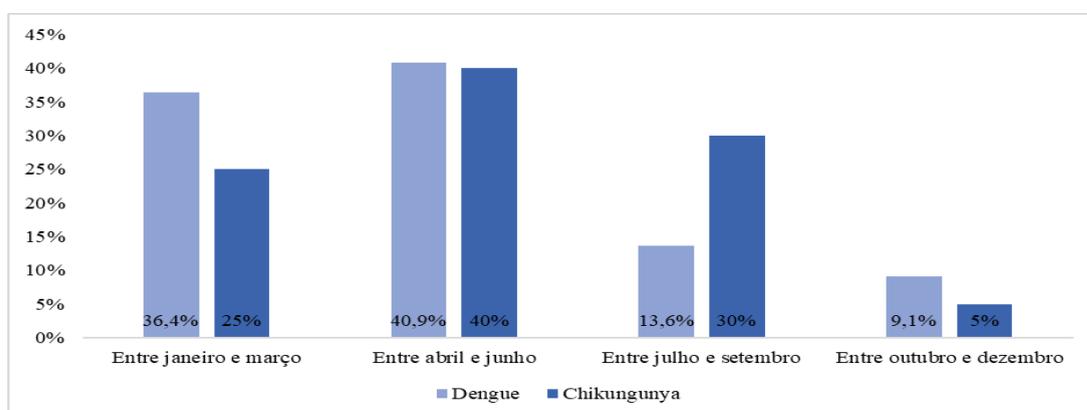
Figura 02: Diagnóstico de dengue e chikungunya dos entrevistados.



Fonte: Própria (2023).

Dentre os participantes que tiveram o diagnóstico de dengue, 36,4% declararam ter adoecido entre os meses de janeiro e março e 40,9% entre abril e junho (do ano em que adoeceram), enquanto a minoria contraiu a doença em meses de julho a dezembro (Figura 3). Já dentre aqueles que apresentaram quadro clínico de chikungunya, 40% afirmaram que adoeceram entre abril e junho, 30% entre julho e setembro, 25% de janeiro a março e 5% de outubro a dezembro. De tal forma, observa-se que os meses de abril a junho foram os que se destacaram como período de maior infecção entre os entrevistados. Nota-se que ocorre uma variação no período de diagnósticos, segundo os entrevistados, entre as duas doenças. De acordo com Silva *et al.* (2020), a ocorrência de dengue e chikungunya pode ter aumento em períodos chuvosos, mas também pode variar devido a fatores como a umidade e o acúmulo de lixo.

Figura 03: Períodos do ano em que os participantes foram diagnosticados com dengue e chikungunya.



Fonte: Própria (2023).

Quando perguntados sobre a forma de transmissão da dengue e chikungunya, 85% confirmaram que sabem como as duas doenças são transmitidas, 10% afirmaram conhecer apenas a transmissibilidade da dengue e 5% disseram não saber como acontece a transmissão de ambas. Quanto aos sintomas causados pela dengue, 98% demonstraram conhecer os sinais de manifestação da doença, inclusive citando alguns exemplos, tais como, febre, dor de cabeça, dor no corpo e manchas avermelhadas na pele, e somente 2% afirmaram não ter conhecimento dos indícios da doença. Do mesmo modo, quando questionados sobre o quadro de sintomas da chikungunya, 95% apontaram a sintomatologia, descrevendo exemplos, como febre, dor de cabeça, dor no corpo, dores e inchaço nas articulações, enquanto 5% não souberam identificar os sinais da infecção. A transmissibilidade das duas doenças ocorre da mesma forma e os sintomas são semelhantes, podendo causar incertezas nos pacientes e, até mesmo, serem confundidas com outras infecções febris (Pustiglione, 2016).

No que se refere as formas de prevenção da dengue e da chikungunya, 97% declararam saber as medidas para evitar ambas as patologias, dos quais as mais citadas foram a limpeza dos quintais, o cuidado para evitar acúmulo de água parada e uso de repelente, e 3% informaram não ter conhecimento das precauções necessárias. Essa percepção é demonstrada também no estudo de Souza *et al.* (2017), realizado no município de Anápolis-GO, em que a maioria dos entrevistados apresentou noções relativas aos cuidados preventivos de dengue e chikungunya.

Todos os entrevistados afirmaram que possuem conhecimento sobre o agente transmissor dos vírus da dengue e da chikungunya. Além disso, também destacaram os locais que o mosquito usa para se desenvolver, conforme observa-se em algumas respostas: “*Locais onde pode haver acúmulo de água: pneus, tampas, vasos de plantas, caixa d'água*”; “*Recipientes que acumulem água parada*”. Ressalta-se que houve um padrão em todas as respostas citando a concentração de água parada. Essa percepção sobre o vetor das doenças e os locais que facilitam o desenvolvimento dele, colabora para a prática de hábitos de prevenção dessas infecções (Pinheiro; Rocha, 2018). Em relação a limpeza dos quintais, 93% dos participantes disseram que verificam se há acúmulo de água parada com uma frequência diária, semanal ou quinzenal, enquanto 7% relataram que não realizam essa limpeza. Apesar da população conhecer como essas arboviroses são transmitidas e como evitar a proliferação do vetor, ainda há surtos dessas doenças. Almeida e Oliveira (2019), reforçam a necessidade de ampliação das práticas para controle do mosquito *Aedes aegypti* por parte do Ministério da Saúde juntamente à sociedade.

DIVULGAÇÃO DE CARTILHA EM MÍDIA SOCIAL

A divulgação da cartilha foi realizada no perfil @gebifipi.uru (Figura 4), do GEB, criado por alunos do Instituto Federal do Piauí – *Campus* Uruçuí, com o objetivo de divulgar conhecimento científico e socioeducacional. A cartilha pode ser visualizada através do link: <https://www.instagram.com/p/CtRb1eULWkT/?igshid=MTBIZjE4YzMxOA==>.

O processo de divulgação iniciou-se com uma publicação no *feed* do GEB, utilizando uma sequência de seis *cards* ilustrativos com informações sobre o agente transmissor, os principais sintomas e cuidados preventivos relacionados à dengue e chikungunya (Apêndice 1). Essa cartilha pode servir de acervo para divulgação em escolas e para população em geral. Em um trabalho realizado por Vasconcelos (2021), o autor ressalta a importância das mídias sociais como um meio favorável de propagação científica, incluindo o *Instagram*.

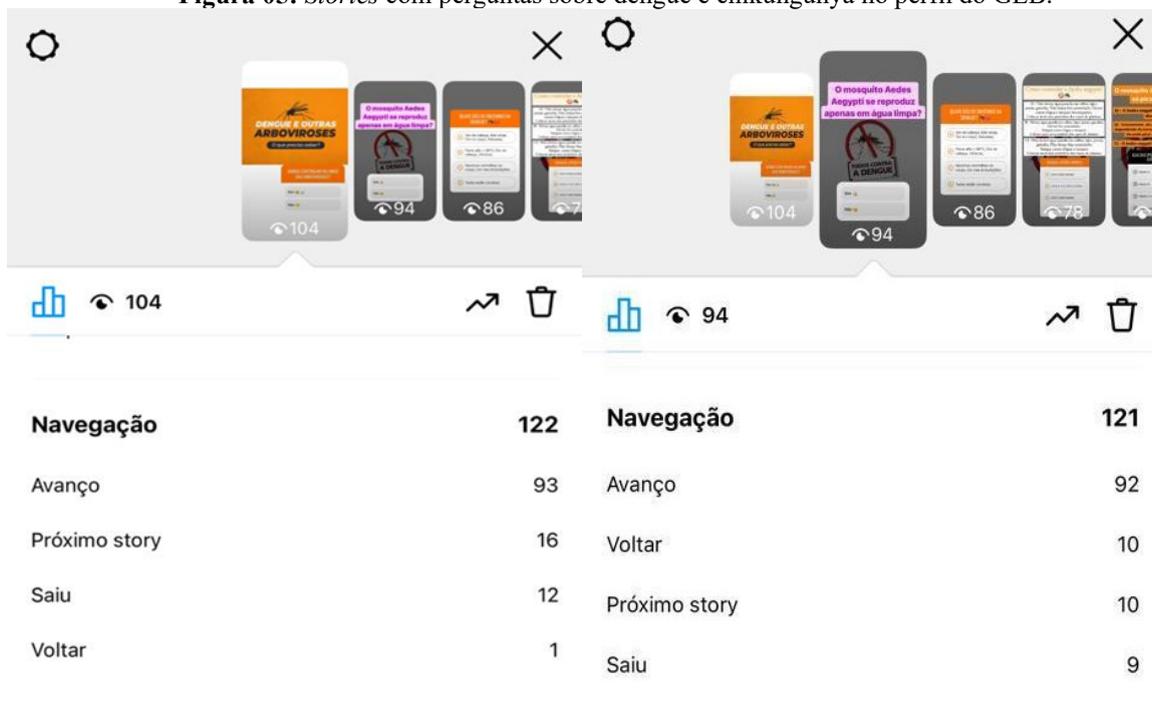
Figura 04: Perfil do Grupo de Estudo em Biodiversidade, IFPI - Campus Uruçuí.



Fonte: *Instagram* do GEB.

Posteriormente à divulgação no *feed*, realizou-se postagens nos stories do perfil utilizando perguntas em enquetes sobre as infecções divulgadas para que os seguidores pudessem interagir sobre o conteúdo. Com isso, obteve-se um alcance de 104 perfis do *Instagram* (Figura 5) e, após 24 horas, ocorreu o compartilhamento das respostas corretas para os seguidores. De um total de 17 pessoas, quando perguntados se o mosquito *Aedes aegypti* pode se reproduzir apenas em água limpa, 71% dos seguidores acertaram a resposta, afirmando que não, e 29% erraram, optando pela opção sim. Na enquete sobre os sintomas da dengue, 20 seguidores responderam, sendo que 55% acertaram e 45% erraram. Já em relação ao controle do *Aedes aegypti*, 11 pessoas participaram da enquete, no qual 64% optaram pela resposta correta e 36% marcaram respostas erradas. E por último, foi questionado se o mosquito *Aedes aegypti* só realiza picadas durante o dia, no qual 9 seguidores contribuíram, sendo que 89% marcaram corretamente, enquanto 11% erraram.

Figura 05: Stories com perguntas sobre dengue e chikungunya no perfil do GEB.



Fonte: Instagram do GEB.

Por ser uma mídia social globalizada e com uso de muitos recursos visuais, o *Instagram* contribui para a propagação de informações de maneira rápida e fácil para seus usuários, possibilitando o uso em ações voltadas à saúde (Honorato *et al.*, 2016). Além disso, Albarado, Prado e Mendonça (2019), ressaltam que as mídias sociais também podem ser um meio facilitador de divulgação e comunicação entre o Ministério da Saúde, assim como outros órgãos públicos da área, e a população em geral.

CONCLUSÕES

De modo geral, observa-se que a população tem conhecimento sobre o agente transmissor *Aedes aegypti* e a forma como ele se prolifera, as doenças causadas pelo mosquito, os sintomas provocados pela dengue e chikungunya, inclusive percebendo as semelhanças na sintomatologia, assim como os cuidados necessários para prevenir-se dessas infecções, incluindo isso na prática de limpeza cotidiana das residências. Além disso, também se percebe a importância de ações em saúde que contribuam para a manutenção dessas percepções, principalmente através de mídias sociais que são muito utilizadas atualmente, como o *Instagram*, que pode ser acessado de forma rápida com recursos visuais atrativos e gerando uma ampliação desse conhecimento, quando repassado de maneira verídica, colaborando para a disseminação de conhecimento científico para a população.

REFERÊNCIAS

ALBARADO, A. J.; PRADO, E. J.; MENDONÇA, A. V. M. Um, dois, três – gravando: as campanhas audiovisuais do Ministério da Saúde sobre dengue, chikungunya e Zika de 2014 a 2017. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, Rio de Janeiro, jan-mar. 2019.

ANDRADE, P. P. et al. Use of transgenic *Aedes aegypti* in Brazil: risk perception and assessment. **Bull World Health Organ**, Genebra, 2016.

ALMEIDA, A. P. G. Os mosquitos (Diptera, Culicidae) e a sua importância médica em Portugal. **Revista Acta Medica Portuguesa**, Lisboa, 2011.

ALMEIDA, D. C. P.; OLIVEIRA, M. C. D. **A importância de combater o Aedes aegypti para redução da incidência da dengue, chikungunya e zika: uma revisão de literatura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem), Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO, Salvador, 2019.

ARAÚJO, J. M. et al. *Aedes aegypti* Control Strategies in Brazil: Incorporation of New Technologies to Overcome the Persistence of Dengue Epidemics. **Journal of Insect Science**, Oxford, v. 6, p. 576-594, 2015.

BRASIL. Fundação Oswaldo Cruz. **O mosquito Aedes aegypti faz parte da história e vem se espalhando pelo mundo desde o período das colonizações**. Rio de Janeiro, 2008.

Disponível em:

<<https://www.ioc.fiocruz.br/dengue/textos/longatraje.html#:~:text=Admite%2Dse%20que%20o%20vetor,de%20navios%20que%20traficavam%20escravos>>. Acesso em: 22 abr. 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Situação epidemiológica: Painel com cenário atualizado**. Brasília, 2023. Disponível em:

<<https://www.gov.br/saude/ptbr/assuntos/noticias/2023/maio/arquivos/campanha-de-arboviroses.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, v. 15, n. 1 esp., p. 1-12, 2010.

CRUZ, A. C. R.; VASCONCELOS, P. F. C. Arbovírus no Brasil. **Biológico**, São Paulo, v.70, n.2, p.45-46, jul-dez. 2008.

COUTO, Edvaldo Souza. **Produção e difusão de ciência na cibercultura: narrativas em múltiplos olhares**. O pesquisador na cibercultura: nas tramas da rede, entre autorias coletivas e inovações científicas. p 21 a 39, Ilhéus, BA: Editus, 2018. Disponível em: <

http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais_20190508/cibercultura.pdf > Acesso em: 27 out. 2023.

CRUZ, Maria Cecília Ribeiro, et. al. Vigilância sorológica para arbovírus em Juruti, Pará, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 25, p.2517-2523, nov. 2009.

DONALISIO, M. R.; FREITAS, A. R. R.; ZUBEN, A. P. B. V. Arboviroses emergentes no Brasil: desafios para a clínica e implicações para a saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, 2017.

DONALÍSIO, Maria Rita; GLASSER, Carmen Moreno. Vigilância entomológica e controle

de vetores do dengue. **Rev. Bras. Epidemiol.**, São Paulo, v. 3, n. 5, p.259- 272, jul. 2002.

FERREIRA, L. C. F. **Culicídeos vetores: diferenças e semelhanças fisiológicas e estruturais relacionadas ao processo de resistência dos ovos à dessecação**. Tese (Doutorado em Biologia Parasitária), Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

GOULD, E. et al. Emerging arboviruses: why today?. **Elsevier – One Health**, Amsterdã, 2017.

HONORATO, J. I. et al. Imagens do todo: análise dos compartilhamentos no Instagram da Zika Vírus. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Curitiba, 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro, IBGE, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/urucui.html>>. Acesso em: 15 Jun, 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro, IBGE, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/urucui.html>>. Acesso em: 15 Jun, 2023.

JOHANSEN, I. C. **Urbanização e saúde da população: o caso da dengue em Caraguatatuba (SP)**. Dissertação (Mestrado em Demografia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2014.

OLIVEIRA-COSTA, M. S.; COSTA, D. R. T.; MENDONÇA, A. V. M. Vozes dos criadores e números da criatura: a comunicação das arboviroses no Facebook do Ministério da Saúde do Brasil. **Interface**, Botucatu, 2022.

OMS. Organização Mundial da Saúde. À medida que os casos de dengue aumentam globalmente, o controle de vetores e o envolvimento da comunidade são fundamentais para evitar a disseminação da doença. Washington D.C., 2023. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/3-8-2023-medida-que-os-casos-dengue-aumentam-globalmente-controle-vetores-e-envolvimento>>. Acesso em: 27 out. 2023.

PINHEIRO, R. F.; ROCHA, M. B. Contribuição de uma sequência didática no ensino de ciências para combate ao *Aedes aegypti*. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 11, Niterói, 2018.

PUSTIGLIONE, M. Medicina do Trabalho e doenças emergentes, reemergentes e negligenciadas: a conduta no caso das febres da dengue, do Chikungunya e do Zika vírus. **Revista Brasileira Medicina e Trabalho**, São Paulo, 2016.

REIS, J. Ponto de vista: José Reis. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Orgs.). **Ciência e Público** - caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002.

SEGATA, J. A doença socialista e o mosquito dos pobres. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 372-389, ago/dez. 2016.

SILVA, N. S. et al. Avaliação da Relação Entre a Climatologia, as Condições Sanitárias (Lixo) e a Ocorrência de Arboviroses (Dengue e Chikungunya) em Quixadá-CE no Período

Entre 2016 e 2019. **Revista Brasileira de Meteorologia**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, 485-49, 2020.

SILVA, J. S.; MARIANO, Z. F.; SCOPEL, I. A dengue no Brasil e as políticas de combate ao *Aedes aegypti*: da tentativa de erradicação às políticas de controle. **Hygeia – Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Uberlândia, v.3, n. 6, p. 163-175, 2009.

SILVA, A. M.; NUNES, V.; LOPES, J. Culicídeos associados a entrenós de bambu e bromélias, com ênfase em *Aedes (Stegomyia) albopictus* (Diptera, Culicidae) na Mata Atlântica, Paraná, Brasil. **Iheringia Série Zoologia**, Porto Alegre, 2004.

SOUZA, W.; MACEDO, E. C. Extensão em tempos de pandemia: as redes sociais como veiculadoras de educação em saúde. **Raízes e Rumos**, Rio de Janeiro, v.8 n.2, p. 336-347, jul/dez. 2020.

SOUZA, C. H. M. et al. **Percepção da população de Anápolis, Goiás, sobre dengue, zika e chikungunya**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina), Centro Universitário de Anápolis, Anápolis, 2017.

VASCONCELOS, L. F. **Divulgação científica do projeto pró-parreão I no Instagram na pandemia da covid-19**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

Submetido em: 29/10/2023

Aceito em: 01/12/2023

Publicado em: 30/11/2024

Avaliado pelo sistema *double blind* review